

O DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM: UMA BREVE CONCEITUAÇÃO

Carlos Roberto Pereira Dias
Graduado em Ciências Sociais,
Mestre em Desenvolvimento Social,
Especialista em Docência do Ensino Superior; Psicopedagogia;
Didática e Metodologia do Ensino Superior.
kakaboc@gmail.com.

Angélica Durães Oliveira
Graduada em Educação Física
Especialista em Didática e Metodologia do Ensino Superior

Cibele Sousa Santos
Graduada em Enfermagem e Especialista em Urgência e Emergência

Introdução

O homem, em sua essência racional, tenta desvelar, a todo o momento, os processos e causas de alguns fenômenos, no intuito de se obter explicações e respostas que lhes façam sentir-se no controle. As questões concernentes à aprendizagem, tanto como se originam tanto quanto se desenvolvem, fazem parte de pautas de estudos de diversos intelectuais. Dentre eles, pode-se destacar o Sigmund Freud (1856-1939), com sua teoria do desenvolvimento Psicossexual, Jean Piaget (1896-1980), com sua teoria dos quatro estágios de evolução mental da criança; e Lev Semenovitch Vygotsky (1896-1934) com sua teoria interacionista.

Não é nossa intenção trazer neste breve trabalho, as discussões teóricas dos intelectuais supracitados, haja vista a complexidade de análise acerca do arcabouço conceitual que pode ser verificado entre os mesmos, no entanto, faremos breves apontamentos sobre os dois primeiros para que possamos dar uma maior ênfase a proposta de Vygotsky para o entendimento do desenvolvimento da aprendizagem.

O desenvolvimento da aprendizagem

Freud, amplamente reconhecido no meio acadêmico, é o precursor da teoria na qual identifica cinco fases da evolução psicossexual, sendo elas: Fase oral, período em que a criança sente o prazer pela boca, isso no primeiro ano de vida; Fase Anal, caracterizado pela retentividade, dos 2 aos 3 anos de idade; Fase Fálica, onde surge o Complexo de Édipo, e o que se caracteriza pelo exibicionismo, dos 4 aos 5 anos de idade; Fase Latente, onde a energia libidinosa é canalizada para outros fins, dos 5 aos 6 anos até a puberdade; e por fim, a Fase Genital, que representa o alvo ideal do desenvolvimento humano. (Curso de Psicologia do Desenvolvimento, Módulo V, p.258)

Assim sendo, para Freud, se essa evolução não acontece de forma natural, ocorrem os casos de perversão. O desenvolvimento da aprendizagem estaria ligada a passagem e evolução por cada uma das cinco fases.

O indivíduo normal é aquele que passa pela fase anal e depois ingressa na outra fase seguinte e vai assim evoluindo. O indivíduo anormal é aquele que, por um motivo ou por outro, não consegue prosseguir nessa evolução normal e fica

parado ou atrofiado em uma das fases da evolução instinto sexual. (Curso de Psicologia do Desenvolvimento, Modulo V, p.260)

Para Piaget, existem quatro estágios de evolução mental de uma criança: Sensório-motor (0 a 2 anos), que pode ser notado a partir de reflexos neurológicos básicos, onde o bebê começa a construir esquemas de ação para assimilar mentalmente o meio. O contato com o meio é direto e imediato, sem representação ou pensamento; Pré-operatório (2 a 7 anos), é o estágio onde a criança realiza a interiorização de esquemas de ação construídos no estágio sensório-motor; Operatório Concreto (7 a 11 anos), é o estágio onde se consolida as conservações de número, substancia, peso, volume, velocidade, tempo, ordem, espaço, etc. É também capaz de estabelecer compromissos, compreender regras; e Operatório Formal (11 a 15 anos), onde as estruturas cognitivas da criança alcançam seu nível mais elevado de desenvolvimento, e tornam-se aptas a aplicar o raciocínio lógico a todas as classes de problemas.

O autor trouxe a ideia de que o pensamento da criança é diferente da forma de pensar do adulto. Foi ele o responsável pela ruptura de velhos paradigmas quando se trata da construção do conhecimento.

Seu estudo não se fixou muito com a questão da educação e sim com o conhecimento, ou seja, como o sujeito aprende, sendo por meio da ação que o sujeito aprende e por intermédio da ação que o sujeito constrói o seu conhecimento. A relação do aluno sobre o objeto do conhecimento é que direciona o construtivismo. O indivíduo aprende agindo sobre o saber, experimentando, manipulando. A aprendizagem gera conhecimento. O que se busca nessa relação é o desenvolvimento lógico das estruturas cognitivas. (*Idem*, p.271)

Depois de termos discorrido sucintamente sobre os pontos principais de Freud e Piaget para o entendimento do desenvolvimento da aprendizagem, permita-nos fazer agora alguns apontamentos acerca da visão de Vygotsky acerca da temática em pauta.

Para Vygotsky, que tinha um entendimento sociointeracionista, o indivíduo não nasce pronto, como defendem os inatistas, nem é copia do ambiente externo, uma vez que segundo ele, o homem, “em sua evolução intelectual há uma interação constante e ininterrupta entre processos internos e influências do mundo social.” (Curso de Psicologia do Desenvolvimento, Modulo V, p.278)

Vygotsky, no entanto entende que o desenvolvimento do conhecimento é fruto de uma grande influência das experiências do indivíduo. Mas que cada um proporciona um significado particular a essas vivências. A apreensão do mundo seria obra do próprio indivíduo. Para ele, desenvolvimento e aprendizado estão intimamente ligados: nós só nos desenvolvemos quando aprendemos. (*Ibidem*, p.279)

A interação do indivíduo, com as outras pessoas, com o coletivo e as percepções e construções intelectuais que lhes são peculiares, vão se contrastando, e lapidando o conhecimento adquirido no dia-a-dia. Nesse ponto, valem-nos dos pressupostos Durkheimianos quando o mesmo diz que os indivíduos são reflexos do meio social. Claro que, para Vygotsky, há uma interação maior. Enquanto que, para Durkheim é a sociedade que modela o indivíduo, para Vygotsky, ambos são transformados, tanto o indivíduo sofre influências da sociedade quanto a influencia.

À medida que as crianças crescem, internalizam as operações e as direções verbais fornecidas pelos adultos, utilizando-as para dirigir seu próprio pensamento.

Este é o caminho por meio do qual as formas historicamente determinadas e socialmente organizadas para operar a informação influenciam o conhecimento do indivíduo e a consciência de si e do mundo. (*Ibidem*, p.280)

Nesse sentido, partindo-se do princípio de que as crianças necessitam em um primeiro momento da ajuda, auxílio de outros para conseguirem o desenvolvimento de suas capacidades de pensamento autônomo, Vygotsky foi muito feliz ao trazer para a discussão o que ele chama de Zona de Desenvolvimento Proximal, que seria um ponto onde os professores deveriam dar maior atenção no processo de educar. Segundo Vygotsky, a Zona de Desenvolvimento Proximal é aquela em que as tarefas e habilidades exigidas das crianças encontram-se entre aquilo que elas conseguem realizar sozinhas, ou seja, a Zona de Desenvolvimento Real e aquilo que elas dependem da ajuda de alguém, a Zona de Desenvolvimento Potencial.

Dessa forma, o que é zona de desenvolvimento proximal hoje se torna nível de desenvolvimento real amanhã. O bom ensino, portanto, é que incide na zona proximal. Pois, ensinar o que a criança já sabe é pouco desafiador e ir além do que ela pode aprender é ineficaz. O ideal é partir do que ela domina para ampliar seu conhecimento. (*Ibidem*, p.279)

Assim sendo, o professor, democratizando as relações de aprendizagem, a partir das características de desenvolvimento de conhecimento de cada aluno, pode ser um importante auxiliador no processo de formação de sujeitos autônomos. Acreditamos que bem mais do que transmitir conhecimento e conteúdo, devemos buscar a autonomia de nossas crianças, fazendo-as cada vez mais agentes ativas do processo de ensino e aprendizagem.

Considerações finais

Ante ao exposto neste breve trabalho, pode-se concluir que o debate acerca da temática proposta faz-se complexo e desafiador, uma vez que se trata do entendimento de como o homem adquire e desenvolve suas capacidades cognitivas, bem como quais são os processos que os conduzem ao aprendizado.

Das teorias e apontamentos aqui discutidos, pensa-se que não há uma única explicação para o desenvolvimento da aprendizagem, mas que há de fato uma complementariedade entre ambas. Salienta-se que discussões mais pontuais devem ser dadas, uma vez que se trata de um assunto de relevante interesse para a comunidade acadêmica e a sociedade como um todo.

Referências

CURSO DE PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO. Modulo V, p.237 – 296.

DURKHEIM, Emile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1971.

PIAGET, Jean. **O raciocínio da criança**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.